



tenho 12 mil caracteres e não os vou gastar ou notas sobre uma peça de teatro que é um concerto que é uma peça de teatro que é um concerto

gostava que este programa fosse um fanzine.

Mas ser fanzine significava ser feito à mão, na urgência do querer escrever, dizer, divulgar – a música de que se gostava, nomeadamente.

Isto não é, por isso, um fanzine, mas vou tentar escrever como se fosse.

*

sei que estou em 2022 e não em 1989, já passou tanto tempo e nem sei como.

Ainda me vejo-sinto a atravessar o terraço do Pavilhão C, a olhar de esguelha M., a tentar adivinhar que disco traz hoje debaixo do braço. Se descobrir qual é, vou anotar. Não sei se será este mês que tenho dinheiro para isso, este é o mês das 5 cassetes, mas assim que conseguir vou à Contraverso, na Travessa da Queimada, no Bairro Alto e compro. É só apanhar o 46. Tenho um furo à quinta-feira, é dia disso. Por outro lado, se não gostar tanto do disco que comprei, gravo numa cassete e depois vou lá trocar por outro, alegando que a pessoa a quem o ia oferecer já o tinha ou assim. Foi numa dessas trocas que acabei por comprar o Pod, das Breeders (saiu a 29 de Maio de 1990), que o João Lisboa no Expresso disse que não era muito bom, mas que eu adoro até hoje, até ao ano de 2022 e mais além. Há discos que, simplesmente, são banda sonora da nossa vida - e notem como retiro o artigo "a". Não são "a" banda sonora, porque será melhor ter mais do que um disco para isso. É que a vida tem muitas coisas, e um só disco não deve dar para dar música a tudo. Claro que em 1989 eu não podia saber disso - das coisas todas que a vida tem - e, se estiver cá daqui a uns 20 anos, continuarei a espantar-me com isso.

Espantarmo-nos com as coisas é condição essencial para sermos felizes com elas. Ou não tivesse José Gomes Ferreira colocado aquele aviso no muro, à entrada das aventuras do João,

"É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir"¹

é muito isso.

*

Esta peça-aventura, *Aquilo que Ouvíamos*, começou em 2020, não, em 2008, talvez, já desde essa altura que teríamos falado em fazer uma peça sobre isso. Não, em 2015, quando escutava C. a falar de discos e mais discos, com uma paixão que já não via desde 1989-91, e decidi: havemos de fazer uma peça sobre isso.

Claro que, entretanto, havia tantas outras coisas sobre as quais trabalhar, tantas memórias outras que era preciso recuperar, transformar em espectáculos. Ou esta eterna sensação de uma história que vai desaparecendo, porque há as vidas que vão desaparecendo também.

Resumindo, as urgências eram muitas, e passaram mais de 5 anos desde essa primeira conversa com C.

*

em 1989, na ESB, P. trouxe aquele disco para a aula de inglês.

P. era outro que eu observava, tentando perceber que disco ele traria para emprestar a M.

P. e M. eram muito diferentes, vestiam-se de forma diferente, pertenciam a diferentes tribos, mas a música unia-os. Um dia, numa festa numa garagem, pedi para pôr um disco e M. disse, deve ser uma merda, mas P. veio em meu auxílio e rematou, não vês que são os Pogues? E, então, M. deixou que a música que eu tinha trazido tocasse na festa.

Eu hoje até penso que M. não era um tipo muito fixe, mas na altura eu queria ser da tribo dele. Nunca consegui bem, contudo. As tribos eram coisas lixadas, mas não lhes dávamos esse nome; acho que era "grupo", ou acho que não tinha nome. Eu queria pertencer a esse conjunto de pessoas vestidas de preto ao canto do Pavilhão C. Tentei por várias formas e depois desisti.

Mas a música, essa, ficou comigo.

*

Textos para um futuro fanzine sobre tudo isto:

#1 um texto improvável

notícias da frente de batalha – Maio e Junho de 2021 e Janeiro de 2022

a todos os que nos lêem, o concerto de ontem foi extraordinário. Pontuado por guitarras agudas e por uma batida incessante, este era o aguardado regresso dos cnmbmsbcsnbc, uma banda que ainda tem muitas cartas para dar

Não, começamos de novo:

Notícias da frente de batalha, Julho de 1989.

Não, notícias de 1991,

Não, notícias de 1981, quando Miguel Esteves Cardoso (MEC) diz que saiu de Manchester com uma evidência da música mais preciosa que alguma vez ali se tinha feito (referia-se aos Joy Division, e li isto num livro das crónicas dele, mais tarde; em 1981 eu não poderia ter tido acesso a esta informação), e, ao ler essas palavras (mais tarde), pensei que tinha mesmo de arranjar aquela música. E lá fui – mais tarde, quase *atrasada* para conseguir conhecer *aquilo* [tesouro/ coisa mais preciosa – já não me lembro bem das palavras que ele usou, e o livro desapareceu].

"Tens os Joy Division? Isso é Joy Division? Gravas-me? Eu trago-te uma cassete amanhã..."

A todos os que nos lêem:

aquilo foi mesmo bom e ainda não nos esquecemos.

#2 Fevereiro de 2020 (diário de ensaios)

"Fábrica ASA. Primeiro dia de ensaios de *Aquilo que Ouvíamos*. Resolvemos apresentar-nos uns aos outros através das nossas histórias da música.

Já vi que vamos demorar dias nisto.

Cada um tem muito que contar.

Fixámos o limite de tempo em 10 minutos, mas todos o ultrapassaram"

#3 1989-90-91: ter aquele disco era essencial

(acho que já era essencial antes dessas datas e continuou a ser essencial depois)

#4 Fevereiro de 2020 (diário de ensaios)

"As apresentações duram há vários dias. O Francisco (8 anos), que está de visita, disse que também quer apresentar a sua história."

#5 um texto já mais provável

notícias da frente de batalha - Maio e Junho de 2021

Retomámos uma criação que tinha ficado suspensa por causa de uma pandemia que nos aconteceu a todos.

Ouvimos o material que tinha sido produzido – ouvir é aqui crucial, ou não estivesse no título e não norteasse toda esta criação – *ouvimos* mesmo.

Tivemos saudades de nós em Fevereiro de 2020.

Tivemos saudades de nós na década de 80 e princípios de 90, embora nem isto seja mesmo assim, porque alguns de nós só nasceram depois disso.

Tivemos saudades mas sem ter realmente saudades; foi à falta de palavras melhores que o escrevemos como *saudades*.

Tivemos uma coisa qualquer (qual é que era a palavra?) – quisemos fazer este espectáculo.

Aquilo que Ouvíamos resulta do encontro de vários criadores num espaço – na Fábrica ASA, em Guimarães (em Fevereiro de 2020) – como pontapé de saída para um projecto sobre como ouvíamos música entre os anos 80 e os 90 e como isso era parte da nossa identidade, e como isso, de alguma forma, não era muito consciente, e como isso ainda nos define ou desenha ou outra palavra qualquer para descrever esta espécie de continuidade-nostalgia-curiosidade contínua (qual é que era a palavra?).

Aquilo que Ouvíamos é uma peça que é um concerto que é uma peça que é um concerto.

Aquilo que Ouvíamos resulta da reunião destas mesmas pessoas já um ano e dois meses depois, para, por entre escombros, continuar a reconstituir (essa não é bem a palavra).

#6 Fevereiro de 2020 (diário de ensaios)

O Francisco apresentou a sua história da música e comoveu-nos a todos.

#7 Maio/Junho de 2021

Levei a "Cena do Francisco" para o ensaio. Estamos a batalhar nela. Gostava que ele entrasse, mas sei que não é possível. Mas temos a gravação da voz dele e vai ficar bonito.

#8 Janeiro de 2022 - no TeCA

Não sei como nos aconteceu, isto de já estarmos em 2022. Mas sei que temos muita vontade de tornar a estas memórias,

a este momento de estarmos juntos nisto.

PS: **essencial** – era **essa** a palavra.

1 José Gomes Ferreira, As Aventuras de João Sem Medo.

Joana Craveiro

aka A Cronista do SOM sempre a escrever na antiga ortografia



FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES. MADUNARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CÁRLOS BARBOSA, JORGE SILVA, JOEL SANTOS, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA SOM JOEL AZEVEDO VÍDEO HUGO MOUTINHO LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA CLAÚDIA BRAGA

APOIOS TNSJ

APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ













CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO Polícia de segurança pública Mr. Piano/Pianos Rúi Macedo

O **TEATRO DO VESTIDO** É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR



APOIOS TEATRO DO VESTIDO







EDIÇÃO DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ

COORDENAÇÃO JOÃO LUÍS PEREIRA FOTOGRAFIA JOÃO PAULO SERAFIM DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

AGRADECIMENTOS TEATRO DO VESTIDO

ANA BENTO, ARTUR, OLÍVIA, JASMIM, ÚRSULÁ, ANA LÚCIA PILMINHA, LAURINDA ANTUNES, ANA FRANCISCO, RITA; BEATRIZ FLOMENO, Carios Bantalio (7 radio entro). Carios bambos cristina morais david dos santes, brobaria central loja de discos: Courado nacionento, inés, camila, ela més, mochona dicha; addo pulo debrai. Manta printada, naxio chece, dondina PIRES; RICARDO CASEIRO (CENTRAL DE CERVEJAS); RODRIGO LOURENÇO (FX ROADLIGHTS); RUI RAPOSO; SÉRGIO NASCIMENTO

"Do lado de lá de qualquer coisa"

MÁRIO LOPES*

No início era uma banda, e essa banda tornou-se caminho rápido para um universo que não descobríramos ainda mas que estava ali, tão cativante, tão naturalmente nosso, tão exclusivamente nosso e daqueles que descobríssemos ser deles também – bastaria procurar. Mas não, não é exactamente isso o início. No início era uma cassete que alguém nos passou, que ouvimos em casa e, buummm!, foi como se o mundo explodisse para que outro mundo se revelasse no seu lugar. No dia seguinte, trocámos roupas e rasgámos pósteres velhos da parede do quarto, pósteres tornados velhos e insignificantes porque naquele momento, naquela cassete - nas mãos de quem nos passara aquela cassete, e nós sabíamos que aquelas mãos sabiam que música nos entregar -, algo novo se revelava. Novo? Não, não era isso. Era mais que novo, melhor que novo. Quem já nós éramos, mas não sabíamos ainda, revelava-se sem margem para dúvidas - e pensar que bastaram aquelas canções, naquela cassete com nome de banda e títulos de canções escritas à mão, para o perceber. Mas não, também não é exactamente isso o início. Ou melhor, não tem de ser isso o início.

"Um dia acordavas e estavas já do lado de lá de qualquer coisa. Um lugar só teu." Um lugar só teu. É isso então o início. Um lugar só nosso que, na verdade, esconde um desejo do outro, um desejo de encontro e, isto é importante, de utopia. O lugar era só nosso, mas, se sermos poucos era essencial – vamos ouvi-lo mais de uma vez daqui a pouco –, sermos alguns também era essencial – quando ouvirem perceberão exactamente o que isso quer dizer.

Aquilo que Ouvíamos, então. O título remete para o passado. Um passado que, não sendo específico de forma totalitária, dado que há, afinal, diferentes gerações a revelarem-se no palco, em memória, som e corpo, é claramente um antes: antes da internet, antes dos ipods (onde é que isso já vai), antes da desmaterialização da música e do *streaming*. Mas um antes que é, também, um depois: depois de Abril, depois do PREC, depois da luta feita canção, depois de algo que explodiu lá longe, do outro lado da Mancha e do outro lado do Atlântico, essa coisa que é música (popular urbana, diz-se por vezes) e que ganhou mil formas e nomes como punk, pós-punk, metal, gótico, industrial, indie. Em Aquilo que Ouvíamos estamos, portanto, antes e depois. É a esse lugar múltiplo que nos conduz o Teatro do Vestido.

O *Punk Rock '77 New Wave '77* que António Sérgio editou em modo pirata para mostrar o caminho em exíguos 400 exemplares – "mas eu tenho um", e bastava um ou uma ter um para que as cópias se multiplicassem. Os anos 1980 das rádios-piratas e sons à margem, ruído ameaçador para ouvidos incautos, gritos furiosamente empáticos para quem sentisse no fundo da alma a mesma raiva, a mesma escuridão a viajar até quem a desejasse ouvir – e queriam, muito, tanto que gravaram programas só para recordar quem eram e como aquilo era importante. Os anos 1990 e os sons

narcóticos de Tricky a preencherem um Coliseu dos Recreios meio cheio ou meio vazio, depende da perspectiva, mas que interessa isso? Estava lá quem tinha de estar e depois do concerto foi até ao Bairro Alto quem tinha de ir, nós, os que tínhamos de ir sempre. Ninguém esqueceu: "Great show, man!"

A memória. Tudo começa na memória. No Teatro do Vestido, tudo começa com a memória. A memória como forma de pesar o que fomos e o que somos, memória como vestígio vivo capaz de modelar, dirigir, encaminhar. Memória porque só conseguiremos avançar se não esquecermos quem fomos, o que fizemos e o que nos fizeram. Aquilo que Ouvíamos é registo, e o registo é importante, é o que faz de nós humanos, seres com rasto no mundo a construir rumos pelos quais continuaremos a caminhar. Ora pé ante pé, ora receosos, ora confiantes, ora eufóricos, percorremos as estradas que se abrem enquanto o caminho continua a desenharse. E por isso ouviremos falar de um miúdo de oito anos e da sua história com a música, e perceberemos que a história dele é afinal a nossa. A dele terá outros apetrechos tecnológicos, outras formas de criar comunidade, é certo, mas é a mesma. Essa é, então, a história de Aquilo que Ouvíamos. Mas isso confirmaremos depois.

É um concerto, não é? Claro que é, há uma banda que chega, e tem indiscutivelmente pinta de banda. Há o público com ansiedade crescente ao vê-la aproximar-se do palco e haverá canções devidamente apresentadas, ritmos furiosos, guitarras estrepitosas, sintetizadores ruidosos, electricidade e tensão com efeitos evidentes no elenco, perdão, nos elementos da banda, que corre e dança e pontapeia o ar com fúria "no future". É, então, um concerto com peça dentro, ou uma peça em modo realidade aumentada, multimédia à antiga: vídeo, teatro, música, cada um dos elementos contaminando os outros. *Aquilo que Ouvíamos* é uma peça que é um concerto e é um concerto expandido para mostrar o que é realmente aquela música, enquanto som, certamente, obviamente, mas também enquanto força transformadora, definidora, vital. Somos nós conduzidos ao âmago de um universo que se prolonga, um poderoso ritual de iniciação de que nunca nos libertamos verdadeiramente.

Tempo de sonhos, o de encontrar um sítio onde estivessem tantos como nós, que ouvissem os mesmo discos que nós, ou melhor, que compreendessem porque ouvíamos o que ouvíamos. Tempo de vida a correr rápido, as botas a pisarem a calçada em passo apressado para chegar à loja de discos, para chegar a casa do amigo que tinha recebido "aquele" disco, para chegar àquele clube, a que na altura não chamávamos clube e certamente que não lhe chamávamos discoteca, que isso de discotecas era para outros, não para nós, para chegar àquele sítio que tratávamos pelo nome – podia ser o Jukebox, em Lisboa, o Meu Mercedes, no Porto, ou o States, em Coimbra. Tempo de tempo suspenso, com o disco a rodar no escuro do quarto, ouvido atentamente, religiosamente, palavra a palavra,

instrumento a instrumento até gastar a fita ou a estria do vinil - "no escuro do meu quarto", dir-se-á em breve, neste palco, "com o meu walkman, sem nada que nos separe, sem nada entre nós".

O sonho era que pudéssemos ser o que imaginávamos. Ou melhor, o sonho é que possamos ser exactamente o que imaginámos: a música como veículo e, ao mesmo tempo, razão última para o atingir. Assim em 1977, em 1986, em 1997, em 2010, em 2022.

Quem estava lá recorda-se certamente desse efeito curioso, fantasmático, que era ouvir as cassetes com novas gravações, as gravações certas, as nossas, agora que sabíamos o que éramos. No silêncio entre canções, éramos surpreendidos por fantasmas do passado. Lá longe, som de fundo que a precária tecnologia não conseguia eliminar para sempre, subsistiam recordações, desejadas ou não desejadas, do que fôramos pouco antes – acabava o "Kool thing" do *Goo* dos Sonic Youth e, enquanto não chegava a próxima, éramos surpreendidos por farrapos do nosso eu anterior, que podiam ser os Supertramp ou o Bryan Adams, sabíamos lá nós o que éramos antes de sabermos o que somos.

Aquilo que Ouvíamos faz-se também desses silêncios subliminares. Ouvimos fantasmas, é certo, mas não os tomemos por espectros destituídos de vitalidade. Os fantasmas estão em palco, os fantasmas estão vivos, transformaram-se nos seus corpos de agora. Até podem mexer-se e, por vezes, dançar como antes. A música é a outra, a que ouvíamos, a que gravámos sobre aquilo que quisemos apagar, mas é também aquela que nos atravessa agora, num palco de 2022.

Uma peça que é um concerto, dizíamos há alguns parágrafos. Não percamos essa ideia de vista. Viajamos no tempo, ao que ouvíamos, ao que fazíamos e como o fazíamos, mas aquilo que este palco nos devolve é música como prova de vida que vibra, tensa, furiosa, intensa, nas mãos dos autores e intérpretes da banda sonora, Bruno Pinto, Francisco Madureira e os Loosers, banda fundamental neste século XXI que avança, e eles sempre a olhar em frente. Música que ressoa nos corpos de Joana Craveiro, Estêvão Antunes, Tânia Guerreiro e Inês Rosado, os actores que dançam e que, como não dar esse passo, serão também guitarristas e bateristas e vocalistas.

Joana Craveiro disse algures que não se recorda de quando e como nasceu o desejo de trabalhar estas memórias que são como aquela dança de que eles falam, "uma coisa assim para dentro". Não surpreende. Isto, que é a nossa relação com a música, pode ter um momento inicial, decisivo e iluminador, mas, a partir daí, é permanência. Carregamo-la e não mais a abandonaremos. E por isso eles espalharão cassetes e vinis pelo chão, relíquias e relicários de devoção, e também por isso sentirão a música tocada ao vivo, emanação



do momento presente, duas, três décadas depois das memórias que se evocam, como manifestação do mesmo desejo de vida, de identidade, de exaltação da diferença perante a banalidade. *Aquilo que Ouvíamos* é também, ou acima de tudo, um gesto político. Esse tempo em que tínhamos tempo é outro tempo, agora que estamos sempre presos a tanto, ao trabalho que não acaba quando acaba o horário, às televisões que labutam 24 sobre 24 horas, aos bichos electrónicos que carregamos nos bolsos, infinitamente sedentos de atenção que, fracos, não lhes negamos. Para onde vai o tempo quando ele nos é roubado? Pois bem, aqui o temos.

Ouvimos a música, sentimos a música, vemos os corpos que já não são jovens vestidos como quando eram, mas, recordando isso que eram e dançando o que são, o tempo que não existe é-nos devolvido. Estremece a banda, liberta-se o som. Aquilo que ouvíamos. Aquilo que ouvimos.

No início não há então início. Uma história que se perpetua. Um desejo de pertença, a necessidade da diferença, o confronto idealista com um mundo que prega a padronização, um som que nos diz que podemos ser aquilo, pertencer àquilo, e que nada poderá nunca substituir essa aspiração, essa angústia, essa certeza. No início não há início. Há uma banda. Aquilo que ouvíamos é aquilo que somos.

* Jornalista e crítico musical.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



TEATRO CARLOS ALBERTO 26-30 Janeiro 2022 Qua-sáb 19:00 dom 16:00

AQUILO QUE OUVÍAMOS

TEXTO E DIREÇÃO JOANA CRAVEIRO

COCRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO
ESTÊVÃO ANTUNES
INÊS ROSADO
JOANA CRAVEIRO
TÂNIA GUFRRFIRO

MÚSICOS CONVIDADOS (COCRIAÇÃO, COMPOSIÇÃO E INTERPRETAÇÃO) BRUNO PINTO FRANCISCO MADUREIRA LOOSERS (JOSÉ MIGUEL RODRIGUES, RUI DÂMASO, TIAGO MIRANDA)

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL RICARDO JERÓNIMO SÓNIA GUERRA TATIANA DAMAYA

COLABORAÇÃO CRIATIVA SÉRGIO HYDALGO

CENOGRAFIA

CARLA MARTÍNEZ

FIGURINOS TÂNIA GUERREIRO IMAGEM

JOÃO PAULO SERAFIM

VÍDEO DIRETO JOÃO PAULO SERAFIM, HENRIQUE ANTUNES, SÓNIA GUERRA, TATIANA DAMAYA

DESENHO E OPERAÇÃO DE LUZ I FOCÁNIA SIIVA

DESENHO DE SOM
PEDRO BAPTISTA

SÉRGIO MILHANO (PONTOZURCA) OPERAÇÃO DE SOM

PEDRO BAPTISTA

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

ALAÍDE COSTA COPRODUÇÃO

EGEAC - PROGRAMAÇÃO EM ESPAÇO PÚBLICO, SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, TEATRO DO VESTIDO, TFATRO NACIONAL SÃO JOÃO

ESTREIA 15 JUN 2021 LUX FRÁGIL (LISBOA)

dur. aprox. 1:50 M/12 ANOS

LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA 30 JAN CONVERSA COM O MESTRE 28 JAN

O TNSJ É MEMBRO















